

# MULHERES ENTRE O CUIDADO DE VELHOS/AS E A REPRODUÇÃO DE JOVENS EM FAMÍLIAS NO BRASIL

Alda Britto da Motta

Universidade Federal da Bahia, Brasil

## Resumo

As grandes transformações atuais na estrutura das famílias decorrem, sobremaneira, das mudanças no âmbito das relações de gênero. O processo de longevidade crescente, implicando em novos padrões de relações entre as gerações, também tem contribuído, com a ampliação do âmbito e duração dessas relações, reconfigurando-as em torno da existência simultânea de várias gerações. Isto significa uma maior presença de pessoas idosas, assessoradas ou cuidadas por pessoas de geração madura – *intermediária ou pivô* –, aquela que também apoia ou cuida dos mais jovens da família e vivencia pequenas revoltas, renúncias e conflitos difíceis de negociar, e que significam, para as mulheres, o reforço de papéis tradicionais de gênero e geração como cuidadoras.

**Palavras-chave** gênero, longevidade, envelhecimento, geração pivô, relações intergeracionais.

## Abstract

### Women between Caring For The Elderly And For The Youngsters

The great transformations found today in the structure of families, are due, in great part, to important changes in the sphere of gender relations but also to the process of increasing longevity, which is implicating new patterns of relations between generations, reconfiguring them around the simultaneous co-existence. This means, the presence of the aged supervised or cared for people of a mature generation, referred as *intermediary or pivot*, because they also support or care for the youngster in the family, due to unemployment or their very young age. The «mature» are generally women who experience minor rebellions, clear or masked conflicts and ambiguous renouncing, relations that are difficult to negotiate, as they constitute a reinforcement of traditional gender and generation roles, as caretakers.

**Keywords** gender, longevity, ageing, generation «pivot», intergenerational relations.

## Résumé

### Les femmes entre le soin des personnes âgées et la reproduction des jeunes

Les grandes transformations actuelles dans la structure familiale découlent, avant tout, des changements dans le domaine des relations de genre. Le processus de longévité croissante, en résultant dans de nouveaux schémas de relations intergénérationnelles, a aussi contribué avec l'élargissement du contexte et de la durée de ces relations, en les reconfigurant autour de la coexistence de plusieurs générations. Ceci signifie une plus grande présence de personnes âgées, assistées ou soignées par des personnes de génération mature – *intermédiaire ou pivot* – cette même génération qui soutient ou soigne les plus jeunes de la famille et vit de petites révoltes, renoncements et conflits difficiles de négocier, lesquels signifient, pour les femmes, un renforcement des rôles traditionnels de genre et de génération comme soignantes.

**Mots-clés** genre, espérance de vie, vieillissement, génération-pivot, relations intergénérationnelles.

## Introdução

Tem sido parte da organização e história das sociedades, particularmente na modernidade, um aspecto definidor dos ciclos e trajetórias de vida, uma divisão do trabalho e atribuições de deveres e de direitos segundo as idades; assim como uma conseqüente disposição ou possibilidade de exercício de poder e dominação de uma geração sobre outra(s). Em suma, a idade como referência cronológica fundamental. A correspondente expressão geracional dando-se, ou percebendo-se, à maneira definida por Karl Mannheim (1928), segundo a situação partilhada no processo histórico e social.

Por outro lado, pouco se tem buscado diferenciar analiticamente os grupos geracionais segundo o gênero e a classe social dos seus participantes. Entretanto, o próprio paradigma geracional de Mannheim (1928) enseja a promessa de uma ampliação do âmbito de análise, ao contemplar, mais além do partilhar essa convivência no tempo, estarem os indivíduos em uma posição específica para viverem determinados acontecimentos: tendência inerente a uma situação social, que os predispõe a um certo modo de experiência e de pensamento.

Dai, poderíamos tentar traduzir essa «posição específica» e essa «tendência inerente a uma situação social», num sentido pluralizado, de localização e pertinência a determinadas dimensões básicas de vivência das relações sociais, entre as quais a própria geração está colocada. Poderíamos ampliar a análise da posição geracional considerando também outras *posições simultâneas* – que se realizam no âmbito das relações de gênero e de classe social: simultâneas, multifacetadas e intercambiantes na ação. O que ainda não constituía parte dos modos de análise vigentes no começo do século XX (tempo social de Mannheim), e que, entretanto, metodologicamente tem ampliado e enriquecido sobremaneira a análise atual nas ciências sociais. Inclusive porque muito das mudanças culturais e sociais da modernidade contemporânea advém, mais além do avanço tecnológico e dos novos modos tanto de conflito como de aliança de classes – e, inclusive, das solidariedades e conflitos entre as gerações –, da crescente participação das mulheres no mercado de trabalho e da revolução social e sexual feminista ainda em curso. Isto é, dão-se também, e de modo importante, na dimensão de gênero.

O âmbito das idades e gerações, entretanto, é uma das dimensões fundamentais onde a sociedade contemporânea abriga heterogeneidades e mudanças contraditórias. Nela, como analisa Myriam Lins de Barros (2006), mais além de referências cronológicas a anos vividos, consideram-se «estilos de vida» que podem ou não ser adotados. Idades ou segmentos geracionais como «juventude» ou «terceira idade» passaram a expressar «[...] um modo de ser e de estar no mundo» (Lins de Barros, 2006: 21).

Neste sentido também podem ser consideradas as mulheres de cinquenta anos analisadas por Russel Scott (2002). Elas sintetizam ou fazem simultâneos o envelhecimento e a juvenilização, sendo «idosas jovens»: participando de grupos de «terceira idade» no exercício da alegria «jovem» e do lúdico livre, inclusive

para namorar, elaboram e legitimam essa identidade coletiva mais «confortável». A outra face desse fenômeno de «deslocamento» ou reelaboração de identidades etárias ou geracionais discutido por Scott (2002) expressando-se na adultização precoce de mães adolescentes para alcançar a autoaceitação e a inclusão social. Modos de ser, ou de estar, que se constituem tanto por certo anseio de realização humana, como por pressões ou sugestionamentos do mercado de consumo.

### As contradições nas posições etárias

Por aí se evidencia que o panorama etário e geracional na sociedade contemporânea nem sempre é claro ou despido de contradições. Guita Debert (1993) e Alde Britto da Motta (1998a) já assinalavam, nos anos 90 passados, o movimento ambivalente da sociedade na consideração e definição dos limites entre as idades, em que um crescente esbatimento das linhas divisórias entre estas contrasta(va) com certa acentuação das definições sociais também marcadas pelas idades. Debert (1993) apontava como contraditório com uma certa tendência à homogeneização etária, um movimento de «transformação das idades em um mecanismo privilegiado na criação de atores políticos e na definição de novos mercados de consumo (p. 7)».

Britto da Motta (1998a: 226) se preocupava com o fenômeno de uma certa unificação de perspectivas:

Efetivamente, as crianças são reenviadas ao mundo dos adultos jovens, enquanto os idosos ‘rejuvenescem’, física e socialmente, cada vez mais. Completa-se a tendência à realização daquele padrão de sociedade jovem que Edgar Morin (1967, p. 159) já discernia [...] e à ampliação de um mercado que a serve, e que se serve dela.

Também analisei (Britto da Motta, 1998a) uma «invenção» de idades – à maneira de Remi Lenoir (1998) – tanto quanto uma possível redefinição dos ciclos vitais, muito clara na observação dos mais recentes padrões de comportamento na família; o que me fez destacá-las quanto a suas transformações no tempo de realização,

[...] os ciclos de vida [...] adquirindo outras configurações, inclusive na expressão analítica. Perdem o tradicional aspecto regular e determinante de eterno retorno ou destino bio-social; alongam-se em trajetórias, como curso de vida (Giddens, 1992) ou fracionam-se em novas fases, com correspondentes novos significados. Inventam-se etapas e novas idades (Britto da Motta, 1998b: 14).

E mais adiante:

Situações novas, com avós «jovens», bisavós presentes, cumplicidades e solidariedades intergeracionais, como famílias ampliadas abrigando o movimento das gerações mais jovens. *Reinventando ciclos*, alongando suas vidas e com filhos de várias idades retornando ou reaproximando-se espacialmente. Um fenômeno não exclusivo dos mais pobres (Britto da Motta, 1998b).

Na dimensão de gênero, as mudanças originam-se ou coadunam-se aos novos papéis das mulheres e aos avanços desatados pelo movimento feminista, com repercussões ensejadas, em variados graus e circunstâncias, pela situação de classe dos atores sociais. Na dimensão das gerações sociais, as mudanças são principalmente desencadeadas pela conquista de mais saúde e longevidade crescente das populações a partir do final do século XX. Ao mesmo tempo, o avanço da medicina e as condições atuais de maior acessibilidade dos serviços de saúde pública, além do alcance cada vez mais amplo dos sistemas de comunicação e informação, têm ensejado que as pessoas mantenham boas condições físicas e cognitivas por um tempo cada vez mais ampliado, podendo os/as idosos/as atuais compararem-se vantajosamente a pessoas com dez a vinte anos menos, de tempos passados.

Uma das consequências mais diretas desse processo de longevidade é o aumento do número de gerações vivendo, simultaneamente, o mesmo tempo social e histórico. Isto significando, por outro lado, uma dificuldade de identificar-se com precisão uma posição geracional (Mannheim, 1928), porque nesta sociedade longeva tanto a maturidade quanto a velhice são constituídas por várias idades. Assim, pode-se ser «velho» aos 60 ou aos 120 anos, conforme ainda define a sociedade, como se poderá ser «geração intermediária» com menos de 50 anos, mas também aos 80 anos – dependendo da amplitude geracional na família analisada. Como parte dessa panorâmica geracional, cresce o número de centenários/as e se identifica uma geração «pivô», ou «sanduiche», – aquela que se posiciona e atua entre os progenitores idosos e os/as filhos/as e netos/as (Attias-Donfut, 1995, 2004; Delbes e Gaymu, 1993; Britto da Motta, 2009).

Enquanto as pessoas centenárias, por exemplo, constituem geração demograficamente precisa, a geração intermediária, ou geração pivô (Attias-Donfut, 1993, 1995, 2004; Delbes e Gaymu, 1993; Hareven e De Gruyère, 1999) é de definição relacional e de situação. Porque as idades de intermediação e apoio constante entre gerações variam, realmente, de acordo com a sequência temporal, demográfica e o dinamismo das relações do grupo de parentesco. Podem se situar na meia idade, tanto quanto na velhice «jovem» e até um pouco além, porque em época de longevidade crescente todas as presenças etárias têm vez. Embora seja mais comum pensar-se a geração intermediária em torno dos 50 anos (Arfeux-Vaucher, 2003; Delbes e Gaymu, 1993; Renaut, 2003), certamente correspondendo à representação, ainda predominante, das famílias em três gerações, com a crescente longevidade ensejando o desdobramento das famílias em quatro e até cinco gerações simultâneas, o pivô frequentemente é mais que cinquentão. Ou melhor, mais que cinquentona... Porque a situação de gênero, no caso, é que pouco varia – são sobretudo mulheres que, bem além do fato de viverem mais que os homens, têm o «destino» tradicional de suporte familiar. Por isso, é importante que seja lembrado que muito da solidariedade intergeracional existente se realiza às custas do empenho emocional e do trabalho não remunerado das mulheres.

Realmente não dá para pensar a geração pivô sem pensar no cuidado, no apoio e no papel fundamental das mulheres nele. O contrato social mais antigo e fundo, apesar de compromisso apenas para a «metade» da humanidade.

A geração pivô é resultado da longevidade, sim, mas também de fatores econômicos e políticos importantes da vida atual, na medida em que as gerações dos filhos e netos têm necessitado do apoio da família, principalmente dos elementos mais idosos, em várias circunstâncias: por desemprego ou precariedade do emprego; por dissolução do casamento; pelo fato de os membros mais velhos serem de uma geração que ainda teve/tem casa própria e proventos de aposentadorias ou pensões que, apesar de escassos, sempre são partilhados. Adicionalmente, para tomar conta dos/as netos/as para as filhas irem trabalhar, algo significativo apenas na atualidade – em decênios anteriores as mulheres, mães ou filhas, não trabalhavam maciçamente fora do âmbito doméstico. O avanço social enfim alcançado tem cabido às mais jovens. As mais velhas... cuidam. Um problema adicional vai ficando para adiante, no tempo: no futuro, todas as mulheres das várias gerações poderão estar trabalhando... A quem recorrerão para cuidar dos/as filhos/as? Pesquisas como a de Constanza Tobío sobre a solidariedade intergeracional na Espanha já antecipam uma perspectiva de resposta: «[...] quando perguntamos às mães ajudadas atualmente por sua própria mãe se mais tarde elas assumiriam esse mesmo papel em relação às suas filhas que trabalhem, a resposta é não» (Tobío, 2001: 183, tradução nossa).<sup>1</sup>

A justificativa: consideram-se uma espécie de geração de transição que recorre a soluções de urgência para resolver problemas novos. Sem expressar qualquer preocupação, esperam que essa que se constituiu como uma questão de mulheres se transforme em um problema social novo que concerne a todos: ao Estado, aos homens e à organização da sociedade.

E aí se pode retornar a outro ângulo, alternativo, da especulação: Ao contrário, poderão existir futuramente mais pessoas desempregadas. Quem as sustentará? Isto é, quem cumprirá essa função – que é hoje também urgente – exercida pelos pais e mães velhos/as, de proteger os/as filhos/as e netos/as? Que práticas sociais virão a ser possíveis?

Como fenômeno social novo em escala ampla – tanto quanto pela sua imprecisão de lugar cronológico e social – a geração intermediária tem sido objeto quase sempre apenas de menções breves – como as citadas (Attias-Donfut, 1993; Delbes e Gaymu, 1993) –, embora as referências já se amiudem, denotando um início de preocupação social com essa situação de apoios familiares pressionante, que constitui ao mesmo tempo um elemento ou consequência da condição analisada como solidariedade pública entre as gerações (Attias-Donfut, 1995; Gomes, 2008).

---

<sup>1</sup> «[...] lorsque on demande aux mères aidées actuellement par leur propre mère si plus tard elles assumeraient ce même rôle vis-à-vis de leurs filles qui travaillent, la réponse est non».

Tentando um conhecimento mais próximo dessa problemática, venho desenvolvendo pesquisas sobre relações de gênero e gerações em família de pessoas idosas das quais muitos dos resultados estão neste artigo.<sup>2</sup>

### **Metodologia da pesquisa**

A metodologia utilizada centrou-se em procedimentos essencialmente qualitativos, iniciando-se com entrevistas em profundidade e prosseguindo com a observação direta e continuada dos personagens geracionais em famílias de pessoas idosas, principalmente de centenárias. A partir das entrevistas e observações tem sido possível a obtenção de depoimentos e pontos de vista pessoais dos/as entrevistados/as acerca das relações que são estabelecidas com seus coetâneos geracionais. O registro em diário de campo das observações feitas durante as visitas, que se repetem periodicamente, tem sido elemento importante para esclarecimentos e análise. O contato com os/as entrevistados/as estudados/as é feito diretamente em suas unidades domésticas e mantém-se também através de outros recursos, como telefonemas e participação em eventos festivos da família. Há entrevistados/as que foram acompanhados/as por cerca de dez anos. É importante esclarecer que muitas dessas relações terminam com a morte, de modo que novos personagens geracionais vão sendo gradativamente incorporados à pesquisa.

Para este artigo, selecionei três casos típicos de famílias com as novas estruturas.

### **A geração pivô**

Essa geração intermediária corresponde, em grande parte, à dos atualmente classificados como «idosos jovens». Aqueles que vivem um dinamismo inédito na história e ajudaram a construir uma nova imagem, mais atuante e atraente, da velhice, na sociedade contemporânea (Britto da Motta, 1999; Debert, 1994; Peixoto, 1997) particularmente visíveis através dos abundantes «programas para a terceira idade» e, em momentos políticos cruciais no Brasil, no movimento dos aposentados. Programas e movimento que, tendo ido, mesmo quando não intencionalmente, muito além dos seus respectivos interesses e propostas iniciais de lazer

---

<sup>2</sup> Projetos Relações entre Gerações: Pais e Filhos Idosos (2002/2004) e Relações de Gênero entre as Gerações: Pais, Filhos e Netos (2005/2007) que contaram com o apoio do CNPq (Bolsa PQ) e do PIBIC (Bolsa IC). Participaram em fases específicas as estudantes Zilmar Alverita da Silva, Fabiana de Santana Medeiros e Carolina Santana de Souza. Projeto Personagens geracionais na família contemporânea: centenários e pivôs (2008/2011), também com bolsas CNPQ/PQ e PIBIC/FAPESB e participação das estudantes Clarissa Paranhos Guedes, Liv Lobo, Iracema Sousa de Medeiros Costa e Lisavietra Fernandes Dias.

«produtivo» e de ação política imediata, se constituíram em agências ressocializadoras, em direção a uma condição de maior dinamismo social de uma geração, no interior da qual destacou-se uma significativa mudança na condição de gênero das mulheres idosas. Sentindo-se elas então mais livres e plenas na vida cotidiana e de família, identificadas com suas «colegas» dos grupos de «terceira idade» (Britto da Motta, 1999) e iniciando um aprendizado político nas associações de aposentados (Azevedo, 2010). Essa condição de pivô podendo realizar-se ainda em um outro segmento geracional um pouco mais velho, correspondendo a uma «quarta idade» – oitenta a oitenta e alguns anos – cuidando de uma «quinta idade» – aqueles em torno dos cem anos. Representando, então, um cenário mais preocupante, de pessoas idosas cuidando de outras ainda mais velhas.

Esse amplo segmento intermediário, tão desdobrável, portanto, em idades e diferentes experiências enquanto filhos/as, por mais dinâmicos e ao mesmo tempo controladores que muitos sejam – e frequentemente são – sobre seus pais e mães «velhos/as-velhos/as», também terminam por sofrer restrições no seu ir e vir. Principalmente em se tratando de mulheres. E porque frequentemente trilhavam um caminho duplice, pois se direciona também para os/as mais jovens, para filhos/as e netos/as, o que, no caso destes últimos, significa igualmente restrições tanto à sociabilidade quanto ao descanso. Como iremos ver logo adiante, nas queixas das entrevistadas aqui rebatizadas Hilda e Valdete.

Na discussão desta temática, tem-se exposto uma preocupação argumentativa com a dificuldade crescente que existiria, atualmente, no cuidado com pais e mães muito idosos/as, porque se tem um número menor de filhos/as (Delbes e Gaymu, 1993). Ainda não é o argumento principal. Em primeiro lugar, para a geração das pessoas hoje muito idosas ainda não se constataria uma redução sensível no número de filhos/as, pelo menos em países do Terceiro Mundo. Além disto, o que as minhas pesquisas têm mostrado é que sempre há um filho – ou melhor, e reforçando a clara questão de gênero – uma filha que fica definitivamente «escolhida» para cuidar do/a idoso/a, enquanto os outros filhos frequentemente se omitem, comportando-se como visitas eventuais e, não raro, críticas.

Há sempre desabafos sobre renúncias que realizam, relatos de impossibilidades ou dificuldades de passeios ou distrações, seja porque os/as mais velhos/as, premidos por alguma dificuldade, não se animam, seja porque já não podem circular muito. Os/as netos/as também «prendem», principalmente quando seus pais e mães precisam ou desejam sair. Há obrigações financeiras – nem sempre leves – também. Com os pais e mães idosos/as, às vezes, mas, sobretudo, com os/as filhos/as e netos/as.

### Revelações do campo

Hilda é um expressivo exemplo de pivô. Septuagenária, é a filha mais moça de D. Januária, falecida aos 112 anos, cujos outros/as filhos/as sempre moraram

em suas respectivas casas. É a filha que morava com a mãe e a assistia, em sua velhice lúcida, mas com movimentos já dificultados. Ao longo da entrevista, e, sobretudo, em conversas tidas em visitas subsequentes, expressou mágoas. Queixava-se das irmãs, ausentes, que não assumiam qualquer responsabilidade – tanto em cuidados como financeiramente – em relação à mãe; mas queixava-se também desta, de suas «teimosias» e «desobediências» em querer comer «o que não pode» e de sair da cadeira de rodas sem ter alguém por perto, que pudesse ajudá-la e evitar acidentes domésticos. Lamentava, também, a não aceitação, da parte de D. Januária, do companheiro com quem mora, que aparentava tratá-la muito bem. O que parece um caso de ciúme: Desde que passou a viver com o companheiro, D. Januária mudou a relação com ela; dizia que a filha não conversava mais as coisas com ela, que não confiava mais nela e que não mandava mais em nada.

Criticava seguidamente essa ausência das irmãs, o que resultaria em solidão para a mãe, e cansaço para ela, Hilda, e revelou renúncias que realizava, para que essa solidão não fosse muito grande. Ao mesmo tempo, tinha ciúmes pelas «festas» que a mãe fazia quando as outras irmãs a visitavam, ao contrário do que costumava fazer em relação a ela, Hilda, em uma relação desgastada pelo cotidiano. «As rotinas do dia a dia cansam as relações», e por isso é preciso que haja afeto e reconhecimento. O que lhe parecia realmente não haver. Também lamentava que a mãe nunca demonstrasse que gostava dela e que lhe era grata pelos cuidados que recebia.

Discussões entre as duas aconteciam, com alguma frequência, revelou, por causa de problemas auditivos de D. Januária: D. Hilda precisava repetir várias vezes a mesma coisa para a mãe, e acabava gritando para ser ouvida – o que incomodava D. Januária, que, com isso, acusava a filha de ser grosseira com ela.

Aliás, um ponto que merece alguma discussão, e que ainda está pouco levantado nas pesquisas, é o do corte na comunicação e sociabilidade – familiar ou externa – que o «apagamento» gradativo dos órgãos dos sentidos das pessoas muito idosas lhes acarreta. A surdez é uma dessas situações deflagradoras: resultava em conflito com a filha, no caso de D. Januária; ou em teimoso recolhimento, em caso que irá ser apresentado adiante (de D. Benedita).

Hilda revelou, ainda, como uma certa queixa, que também dependiam dela, em grande parte, um filho de 32 anos e um neto de 5 anos. Especificava: pagando plano de saúde para os dois e ainda dando «uma ajudazinha» ao filho: «Meu filho [...] ainda depende de mim, porque casou sem ter condição de casar, teve esse filho, já separou, mas tem que dar a pensão do menino [...]»

O dilema de Hilda poderia ser expresso nas palavras de Hareven e Gruyère (1999: 18, tradução nossa): «O desejo de satisfazer as expectativas de seus pais e apoiar seus filhos se somou ao conflito de gerações, como consequência das suas obrigações para com ambos»<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> «El deseo de cumplir con las expectativas de sus padres e al mismo tiempo impulsar a sus hijos se sumó al conflicto generacional como consecuencia de sus obligaciones hacia ambos».



Muito ativa, pinta, faz artesanato e frequenta uma Faculdade para a Terceira Idade. O marido e a mãe reclamavam que ela só vivia saindo. D. Januária insistia: «Só vive na rua, só vive na rua». E ela respondia: «Os velhos agora vivem na rua, não ficam em casa nem a pau».

Suas saídas, explicava na entrevista, eram à tarde; de manhã havia tarefas domésticas (comentava que a empregada não era eficiente) e o ritual do banho da mãe. (Repetia: «Não conto muito com minhas irmãs»). Queixava-se, sempre e longamente, mas com algum humor, e apesar das referências a suas saídas, relatava impossibilidades de passeios e distrações, porque D. Januária não gostava de sair e os domingos se arrastavam, todos (ela, o marido e a mãe) «no quadrado» (do apartamento), sem saber o que fazer. Desabafou: «Eu faço o que posso [...] e às vezes o que não posso eu faço, mas não sei, nem sempre há satisfação nas minhas irmãs, porque ‘eu acho que você deveria isso, deveria aquilo’, sugestões muitas, mas ajuda nenhuma...».

Apesar de tantas queixas, considerava que a mãe e ela se davam bem e que esta cooperava no que podia, em relação aos cuidados de que necessitava. Logo após completar 112 anos, D. Januária faleceu, quase de repente.

Um tempo depois, fomos visitar Hilda. O cenário agora é outro: no apartamento continuam apenas esta e o companheiro. Ela comenta que o apartamento «está vazio». Mantém «o quarto de Gustavo», o filho casado que estava separado e «o quarto de mamãe...». Hilda pareceu serena. Mostrou novas peças do seu trabalho artesanal, falou sobre os talentos artísticos da família e chegou à morte de D. Januária, logo após o aniversário de 112 anos. Para o sepultamento – cerimônia que descreveu como tocante – «Veio todo mundo».

Apesar da aparente serenidade, demonstra estar abalada com a morte da mãe. Não sente vontade de sair de casa para se divertir e não conseguiu assistir à gravação da última festa de aniversário de D. Januária. Queixa-se de solidão. «Agora é só eu e meu marido. Ninguém mais vem aqui, porque as visitas todas eram para ela. Ela já me dizia isso, ‘Todo mundo que vem aqui é para me ver’. Mas só agora cai na real». Depois de um silêncio, continua: «Agora sei o que mamãe passou. Ela sempre se queixava de que eu saía demais e eu saía mesmo, até três vezes por dia; mas agora eu não tenho mais vontade de sair».

Fala também do companheirismo entre as duas, de verem a novela juntas, e até dos próprios atos de cuidado (dar remédio, trocar fraldas) como atuação juntas e proximidade afetiva. Por outro lado, o filho se reconciliou com a esposa, voltaram a morar juntos e ela vê pouco o neto. O filho não a visita e esse afastamento a leva a temer também pelo seu futuro de idosa: como a mãe, irá necessitar do apoio da família – contará com esse – único – filho?

Neste ponto retomo o registro do interesse de uma reflexão próxima sobre o futuro desses segmentos geracionais dos meia-idade e «idosos/as jovens» em termos desse ‘contrato geracional’ (Bengtson e Achenbaum, 1993) que, lembram Claudine Attias-Donfut e Sara Arber (2000), sempre foi baseado naquele «contrato de gênero» inicial, pelo qual as mulheres entram como cuidadoras.

Um «pivô» mais jovem e uma relação menos afetiva entre as gerações podem ser exemplificados pelo caso de Dalva. Que talvez já demonstre um certo afrouxamento de laços das gerações mais novas de filhos em relação a seus pais de idade mais avançada como Tamara Hareven e Aldine Gruyère (1999) começaram a relatar. E que Attias-Donfut (2004) também identifica, mais recentemente e com maior incisividade.

Outro exemplo dessa complexa relação, observamos com Dalva, 51 anos, também filha mais nova, de D. Davina, de 81 anos. Moram em uma casa ampla e confortável, com jardim e piscina, com o marido e os filhos de Dalva. O outro filho de D. Davina mora no Rio, mas vem visitá-la regularmente. D. Davina era bem ativa quando da primeira entrevista – passeava, viajava, frequentava um curso «para terceira idade». Entretanto, algum tempo depois, levou uma queda, desenvolveu problema ortopédico grave, sofreu cirurgia e tornou-se limitada a uma cadeira de rodas. Entristecida, mudou de humor; tornou-se bastante solitária afetivamente, por só contar com a presença – ininterrupta – e os cuidados de profissionais da saúde. A filha montou uma eficiente organização desses cuidados em torno da mãe, com esses profissionais, mas não demonstra ter participação direta e afetiva, nela. Trata a mãe ao mesmo tempo com distância e brusquidão. (De certo modo, a filha adolescente de Dalva também a trata assim). Conseguimos observar que, reativamente, D. Davina «vinga-se» daquela impessoalidade demonstrando mais fraqueza e impossibilidades de movimentos quando está na presença da filha...

Em outros momentos, D. Davina tenta resolver pequenas questões suas do cotidiano (roupas, horários, tipos de lanche) em vão. Dalva não permite, tentando explicar à entrevistadora que D. Davina não tem condições de decidir nada, que tem que fazer o que é «mais lógico». Alguns minutos depois, a enfermeira que acompanha D. Davina secunda isso: «Viu, Duduca, tem que fazer o que D. Dalva quer, e não o que você quer». [Observe-se: a jovem senhora é *dona*, a idosa não é mais. Até ganhou um apelido infantil.]. D. Davina ainda protesta: «Quem manda em mim sou eu!» Mas logo diz que não quer mais falar no assunto.

Dalva, quando entrevistada, falou sobre suas atividades profissionais pós-aposentadoria, mantendo-se muito reticente quanto a questões de orçamento familiar que, apurou-se, conta com ponderável contribuição de D. Davina: «Prefiro não detalhar, porque são coisas complexas [...] Ela já é bem idosa, então ela só é cuidada, mas as coisas financeiras a gente divide muito [...]». Sobre as suas relações em família, avalia: «[...] aqui em casa eu me dou bem com todo mundo, não tem problema, não. Com a mãe sempre tem discussão, que é normal, né, uma pessoa idosa sempre tem discussão». Sobre a velhice da mãe: «É bom de um lado e um pouco, assim, desgastante do outro, né; tem toda a felicidade de você ter uma mãe ainda nesta idade, e ao mesmo tempo tem essa parte do trabalho que as pessoas idosas necessitam, precisam, né, dão, aliás...». Instada a falar sobre a situação ou a participação da mãe no cotidiano da família, declara, um tanto confusamente:

Olhe, a família faz tudo para ela participar, mas na realidade a participação dela é um pouco repelida pela família porque ela só quer participar das preocupações; de horário, só pensa em coisas... que vai ter um acidente, que as pessoas vão chegar... sempre isso. A participação que a família gostaria e queria que ela tivesse é de dividir alguma coisa, ou dividir alegria, ou conversar, ou até trabalho, se fosse o caso, né, diversão e tal e não essa preocupação que ela tem, eterna, né, sempre, que é fruto da carência [...] Acompanhamento psicológico toda pessoa idosa necessita, porque eles ficam carentes, né, então necessitam. O acompanhamento psicológico que eles necessitam não é nem acompanhamento psicológico, é companhia mesmo, que eles são carentes e precisam sempre, né. Só que é uma questão muito difícil de ser resolvida, porque o ser humano se adapta melhor, ele fica mais feliz, se ele tiver [companhia] na faixa etária dele, e você não pode deixar um monte de pessoas com oitenta e tantos anos juntos, só, pessoas tomando conta junto, né, então é mais difícil, né.

Solicitada que avalie o «peso» dos seus papéis no grupo familiar, para ela, que se divide pouco entre os seus familiares, a resposta vem simples, «matemática»: «No momento o mais importante é o de mãe, pois se eu tenho três filhos e só tenho uma mãe...». Entretanto, «corrige» a proporção ao final: «Na realidade... os dois são importantes».

Este é mais um ponto em comum com o resultado de pesquisa sobre três gerações, na França, que Attias-Donfut (2004) analisa:

A geração intermediária se considera mais próxima de seus filhos do que de seus pais, enquanto a geração mais velha, ao contrário, se diz mais próxima de seus pais do que de seus filhos. Isto significa que os conflitos que opuseram estas duas gerações ao longo dos anos 1960 criaram uma distancia irreduzível entre elas. Esta distancia é maior entre as mulheres.

Valdete, 50 anos, é outro caso de personagem pivô, «jovem», porém com valores mais tradicionais, e uma positividade marcante no que se refere a afeto. Apoio reconhecido de uma família de quatro gerações, morando juntas, foi primeiro entrevistada aos 48 anos, assim como sua mãe, D. Benedita, de 84 anos e as duas filhas, respectivamente com 28 e 22 anos, esta já com dois filhos pequenos.

D. Benedita sofreu um infarto em 2009 e morreu após hospitalização relativamente prolongada. Valdete, reintervistada recentemente, continua com as filhas e netas em casa, e a companhia periódica do atual marido, que trabalha e mora em outro Estado.

Valdete e a mãe sempre moraram juntas. Ela nunca chegou a sair de casa, mas a sua assumida posição central na família transparece já no início do seu relato: «Minha mãe sempre morou comigo». Mas em seguida, matiza: «Eu fui a primeira filha dela que engravidou. E muito nova, com 19 anos. Os outros foram engravidando depois e foram indo embora. Sobrou eu».

A mãe é uma figura forte, nessa época. Valdete se separou muito cedo, conta:

Ela foi quem cuidou de minhas filhas, criou. (...) Eu trabalhava fora o tempo todo. Na verdade, eu era o mantenedor e ela era a pessoa que tomava conta das minhas filhas. Para mim era muito conveniente (...) eu era muito nova e queria mesmo era ir pra rua e tinha aquela confiança em saber que minhas filhas estavam sendo bem cuidadas.

O tempo fluiu, Valdete foi amadurecendo e D. Benedita envelhecendo. Engordando, ficando hipertensa e ouvindo pouco. Valdete relata:

Vieram os netos... Meus netos, que eram bisnetos dela, então era às vezes uma relação permeada por conflitos, porque eram quatro gerações – minha mãe dentro da cultura dela, do conhecimento dela, eu e minhas duas filhas, mais dois netos. Então, sempre tinha problemas com a forma como Idália [filha] lidava com os meninos; era, às vezes, difícil para mim entender, era difícil para minha mãe entender.

Por outro lado, comenta como o envelhecimento da mãe confrontava a paciência das filhas, e até a dela, própria. Coloca-se, então, diante da questão crucial da convivência estreita entre as diferentes gerações, principalmente quando entre elas está uma pessoa idosa: «Não é fácil para você conviver com o idoso. É fácil você lidar com o idoso dos outros. Eu gosto de trabalhar com idoso, mas uma coisa é a minha relação com o idoso da instituição, parte do meu trabalho, e outra, a dificuldade com minha mãe». Seu depoimento é especialmente valioso:

Com minha mãe nada funcionava, porque ela era a minha mãe. Tinha ainda aquela coisa da hierarquia, porque eu fui educada nos parâmetros tradicionais daquela família em que o filho sempre tá obedecendo à mãe. Então, para mim, impor determinadas coisas pra minha mãe era complicado. Por mais que eu soubesse que era necessário para ela, chegava um ponto que eu não ia mais além, porque senão eu terminava, de uma certa forma, ofendendo ela, magoando ela, porque eu não queria extrapolar, e eu tinha o cuidado nisso.

Era muito difícil, porque minha mãe era uma pessoa que tinha uma personalidade muito forte, ela reagia, nem tudo ela concordava e ela era totalmente lúcida, então em muitos momentos o impacto era grande. Para eu fazer as minhas filhas entenderem... Ela repetia a mesma coisa várias vezes, o fato de ela não ouvir, ou então de ela intervir na forma como Idália lidava com os meninos. Então sempre foi uma relação difícil, é um trabalho de aprendizagem muito grande para todo mundo, então, serviu de aprendizagem pra mim, e para as meninas e pra todo mundo.

Muitos dos depoimentos de Valdete, imensamente lúcidos, ilustram momentos pouco pressentidos e carentes de análise das relações dos/as mais jovens com os/as idosos/as. Mas ela também fala das suas próprias relações com os/as jovens. Ao mesmo tempo, dificuldades confessadas, reflete sobre o que a mãe fora e sente-se herdeira emocional de algo importante:

Minha mãe, além dos filhos dela, criou um sobrinho [...] criou filhos que não foram dela, ela sempre teve essa coisa de agregar muita gente [...]. A nossa casa sempre foi muito cheia e hoje, quando minha mãe faleceu, às vezes eu pensava assim, quando a mãe morre as famílias se dissolvem, cada um toma um rumo na vida e as coisas... Lá em casa não aconteceu isso. Até hoje é como se a minha casa fosse o centro de tudo. As minhas irmãs sempre me buscam muito; é como se de uma forma, direta ou indiretamente, é como se eu tivesse assumido o posto que foi de minha mãe [...].

Preocupa-se com as filhas. A mais moça tem um companheiro que parece não querer trabalhar, rejeita os empregos que aparecem, vive da mesada da mãe e não contribui para o sustento dos filhos. Aliás, as duas filhas de Valdete estão sem trabalhar, também. Todos dependem dela. Autocritica-se: «A gente hoje educa filho para não se sentir responsabilizado!»

Fala dos netos, de quatro e dois anos: «Eles são muito ligados em mim, demais até; se eu estiver em casa, só querem que eu faça as coisas para eles – e isso todo dia também cansa!» Resume: «É, enfim, uma convivência difícil – os valores são muito diferentes. É um processo muito rico, mas em certos momentos é desgastante».

## Conclusão

São exemplos de desenhos da família multigeracional contemporânea. A família como o espaço fundamental e modelar das relações de gênero e entre as gerações, contando com a presença simultânea e estreita de várias destas e de modo mais duradouro do que em qualquer outra época da História. À espera de pesquisa sistemática, destaca-se essa nova geração intermediária ou pivô que poderá até ser objeto de incremento indireto de interesse analítico, pela atualidade da moda teórica de estudos e pesquisas sobre o *care* – trabalho material e emocional secularmente exercido pelas mulheres, principalmente de meia-idade, que correspondem, hoje, como já assinalado, em maioria a essa geração pivô.

Pesquisa sistemática em que muito haverá a descobrir e analisar-se, partindo da condição de gênero e da situação de classe, atingindo-se ao mesmo tempo a organização dessas famílias, sua relação com o mercado de trabalho e a ação ou omissão do Estado, que lhes delega, principalmente às mulheres, o papel social de apoiar e cuidar dos/as seus/suas idosos/as; por extensão, também das crianças.

Os estudos iniciados já documentam a prioritariamente considerada solidariedade, mas também a dimensão conflitual das relações intergeracionais – principalmente quando ocorre a necessidade de cuidados continuados em relação às pessoas muito idosas e às crianças. No caso dos/as idosos/as, encontram-se constantemente reportados casos de violência, de ordem mais intergeracional que de gênero. Por tudo isto, urge a necessidade de crescimento da pesquisa, com observação continuada e comparação de casos.

## Referências bibliográficas

- Arber, Sara, Attias-Donfut, Claudine (2000), *The Myth of Generational Conflict: Family and State in Ageing Societies*, Routledge.
- Arfeux-Vaucher, Geneviève (2003), «Les familles à cinq générations: entre plaisir et souffrance», *Recherches et Prévisions (Dossier Familles, Vieillesse et Générations)*, n.º 71, pp. 5-19.
- Attias-Donfut, Claudine (1993), «Un jeu entre générations», *Informations Sociales*, n. 30, pp. 112-117.
- Attias-Donfut, Claudine (1995), «Le double circuit des transmissions», in Claudine Attias-Donfut (org.), *Les solidarités entre générations*, Paris, Nathan, pp. 41-81.
- Attias-Donfut, Claudine (2004), «Sexo e envelhecimento», in Clarice Ehlers Peixoto, *Família e envelhecimento*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, pp. 85-108.
- Azevedo, Eulália Lima (2010), *Um palco de múltiplas vozes: a nova invenção dos(as) idosos(as) em luta pela cidadania*, Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia.
- Bengtson, Vern e Achenbaum, W. Andrew (Eds.) (1993), *The changing contract across generations*, New York, Aldine de Gruyter.
- Britto da Motta, Alda (1998a), «Chegando pra idade», in Myriam Lins de Barros (Org.), *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, pp. 223-235.
- Britto da Motta, Alda (1998b), «Gênero, família e fases do ciclo de vida – Introdução ao dossiê Gênero e Família», *Cadernos CRH*, n.º 29, pp. 13-20.
- Britto da Motta, Alda (1999), *Não tá morto quem peleia: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos*, Tese de Doutorado em Educação, Salvador, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.
- Britto da Motta, Alda (2009), «Personagens geracionais na família contemporânea: centenários e pivôs», in *Anais do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia*, Rio de Janeiro.
- Debert, Guita Grin (1993), *O remapeamento do curso da vida*, Trabalho apresentado ao 18.º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, MG.
- Debert, Guita Grin (1994), «Gênero e envelhecimento», *Revista de Estudos Feministas*, v.2, n.º 3, pp. 120-128.
- Delbes, Christiane e Gaymu, Joelle (1993), «Les familles à quatre générations», *Informations Sociales*, v. 32, pp. 8-12.
- Giddens, Anthony (1992), *Modernity and self-identity*, Cambridge, Polity Press.
- Gomes, Márcia Queiroz de Carvalho (2008), *Proteção à velhice e o circuito de solidariedades intergeracionais*, Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Brasil.
- Hareven, Tamara, Gruyère, Aldine de (1999), «La generación de enmedio. Comparación de cohortes de ayuda a padres de edad avanzada dentro de una comunidad estadounidense», *Desacatos. Revista de Antropología Social*, n.º 2, 1999. [em linha] disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=13900203> [consultado em 25 abr. 2009].
- Lenoir, Remi (1998), «Objeto sociológico e problema social», in Patrick Champagne *et al.* (org.), *Iniciação à prática sociológica*, Petrópolis, Vozes, pp. 59-106.
- Lins de Barros, Myriam (2006), «Gênero, Cidade e Geração: perspectivas femininas», in Myriam Lins de Barros (org.), *Família e gerações*, Rio de Janeiro, Editora FGV, pp. 1-37.
- Mannheim, Karl (1928), «O problema das gerações», in Karl Mannheim (org.), *Sociologia do Conhecimento*, Porto, Portugal, Res, pp. 115-176.
- Morin, Edgar (1967), *Cultura de massas no século XX (O espírito do tempo)*, Rio de Janeiro, Forense.
- Peixoto, Clarice Ehlers (1997), «Histórias de mais de 60 anos», *Revista de Estudos Feministas (Dossiê Gênero e Velhice)*, v. 5, n.º 1, pp. 148-158.

- Renaut, Sylvie (2003), «L'entraide familiale dans un environnement multigénérationnel», *Recherches et Prévisions (Dossier Familles, Vieillesse et Générations)*, n.º 71, pp. 72-44.
- Scott, Russell Parry (2002), «Quase adulta, quase velha: por que antecipar as fases do ciclo vital», in Maria Dulce Silva, Inez Sampaio Nery (org.), *Cenários e personagens plurais*, Teresina, REDOR/NEPEM/UFPI, pp. 207-217.
- Tobío, Constanza (2001), «La solidarité intergénérationnelle en Espagne», *Cahiers du Genre*, n.º 31, pp. 167-201.

**Alda Britto da Motta.** Socióloga, Professora nas Pós-Graduações em C. Sociais e em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (UFBA). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (UFB). Mestre em C. Sociais e doutora em Educação. Pesquisadora de CNPq. Membro da Soc. Brasileira de Sociologia, da A. Brasileira de Antropologia e da International Sociological Association. Publica sobre Relações de Gênero e Intergeracionais e Envelhecimento. alda-motta01@hotmail.com

*Artigo recebido em 10 de abril de 2012 e aceite para publicação em 10 de outubro de 2012.*